

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO COMO ELEMENTO DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Lívia Fernanda Nery da Silva Viana (UFPI)

GT 07 - Infância, Juventude e Violência na Escola.

Considerações iniciais

A Comunidade Escolar enfrenta um problema de grande amplitude: a violência. Esse fenômeno vem de maneira assustadora implementando-se em seu cotidiano. Sua banalização e o comodismo de muitos contribuem para a intensificação desse problema, porém, outros tentam revertê-lo.

Nos dias de hoje, mais do que nunca, é necessária uma sintonia afetiva com o trabalho que se faz, ou seja, um verdadeiro envolvimento humano. O educador não pode esquecer que além das competências técnicas, teóricas e políticas deve constar na sua *práxis* uma paixão pelo que faz, pois sem ela as demais qualidades são inócuas, formais e frias.

Surge a partir dessa reflexão e da problemática expressa no início do texto o seguinte questionamento: qual a importância da afetividade na relação professor-aluno e o significado dessa para a vida dos estudantes que apresentam comportamentos violentos dentro do ambiente escolar e dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem?

Pretende-se então, com a ajuda dos atores participantes do processo educacional esclarecer tal questionamento. Esta pesquisa vem sendo realizada na cidade de Teresina em duas Escolas selecionadas da Rede Municipal de Ensino, visando uma contribuição significativa na melhoria das relações entre docente-discente, a conservação do patrimônio escolar público dessa cidade e também as relações dos homens entre iguais. Espera-se, ainda, suscitar algumas reflexões acerca da afetividade, sua importância nos relacionamentos humanos e na construção dos conhecimentos cognitivo-afetivo-sociais, levando-se em conta que é tarefa fundamental da escola desenvolver a pessoa na sua totalidade, o que não se atinge fragmentando o seu conhecimento e sua aplicabilidade na sociedade. Neste trabalho enfoca-se o relacionamento professor-aluno dentro do processo ensino-aprendizagem e sua contribuição no enfrentamento dos diversos problemas apresentados no cotidiano escolar, inclusive a violência, que expressa as emoções mais acaloradas do ser humano em atitudes que não condizem com os objetivos educacionais.

A afetividade e as emoções têm interessado ao homem desde os tempos mais remotos e a mudança de milênio não diminuiu tal preocupação. É perceptível a necessidade de se elucidar a importância da afetividade no relacionamento humano.

Não se pode correr o risco de considerar a inteligência e a afetividade dicotômicas ou dissociadas. No processo de construção do conhecimento do homem, como um todo, acreditamos que os conhecimentos das emoções e dos sentimentos estão associados aos aspectos cognitivos e sociais. Da mesma forma, tais ações pressupõem a presença de aspectos afetivos que refletirão diretamente na sociedade pela qual perpassa todo o processo construção do homem moderno.

Afetividade e o professor afetivo

Falar sobre a afetividade não é das tarefas mais simples, porém, segundo Wallon (1994) apud Almeida (1999, p. 52): “a afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano”, e nesse sentido, é em um termo amplo que compreende os sentimentos, a paixão e a emoção, sem confundir-se com nenhum deles, pois enquanto o sentimento é “fundo”, ideativo e conseqüentemente duradouro, as emoções apresentam-se como “figura”, ou seja, de forma tônica, fisiológica e efêmera.

O discente necessita do humano, não pode ver o professor como uma máquina que não possui sentimentos e emoções. Em uma sociedade em que a violência avança mais e mais, a agressividade é extremamente assustadora, a solução não está em atitudes consideradas truculentas, punitivas ou despóticas. A solução poderá estar no afeto, nas relações de afetividade e como os atores envolvidos no processo podem interagir com ele. De acordo com Saltini (2002): “a serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte do que a criança necessita”. Reconhecidamente o professor deve ser o iniciador dessa construção afetiva levando em conta o fato de o educando ser um sujeito inquieto e que deve desenvolver suas capacidades cognoscitivas, afetivas, morais, sociais e políticas. Para tanto, o educador tem que ser capaz de criar oportunidades de aprendizagem ativa, ao mesmo tempo em que, observa a subjetividade dos alunos com os quais trabalha para, assim, sobrepor às barreiras que prejudicam o processo ensino-aprendizagem, inclusive a violência no ambiente escolar. Tal professor deve ser astucioso segundo Clemont Gauthier (1997, p. 363) ao afirmar que: “Na verdade, sustentamos que a astúcia está presente na própria natureza de toda interação social” ou ainda:

Noutras palavras, a vida social é uma espécie de palco no qual cada um representa um papel para que o jogo possa continuar, e a astúcia é a própria possibilidade desse jogo. Mas a astúcia não é simples repetição da ordem, não se trata de sempre reproduzir o jogo, mas também de mudar-lhe as regras, de modificar-lhe a direção, de incliná-lo para outra destinação, de desviá-lo a seu favor ou então arriscar-se para poder apreciar seus efeitos. Não se usa de astúcia somente para manter a ordem, mas também para mudá-la ou simplesmente contorná-la, oferecer a si mesmo pedacinhos de refúgio e de margem.

Uma outra característica é apresentada por Freire (1996) ao afirmar a necessidade de o educador ter uma capacidade dialógica, levando em conta quem é o seu educando, que estratégia pode usar para melhor conduzi-los, sendo uma presença forte e confiável do ponto de vista dos jovens com quem trabalha. Essa idéia é reforçada pelo mesmo (1996, p. 71-73) ao dizer que:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece à importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola [...] A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala de aula é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma *ausência* na sala.

Outras características do professor afetivo são apresentadas por Morales (2003) em seu livro *A Relação Professor-aluno: o que é, como se faz*. Segundo este autor, após pesquisa realizada com os alunos:

Emergem duas grandes categorias de traços ou condutas: alguns dizem respeito à *competência* do professor para ensinar, controlar a classe, outros, ao seu *relacionamento* com os alunos (por exemplo: é compreensivo, paciente, está disponível para ajudar etc.).

Os muitos paradigmas, amarras, costumes tradicionais, o não valorizar o conteúdo que o aluno já traz costumam afetar a visão integral e afetiva do educador prejudicando uma educação mais eficaz. Por mais que se pense ao contrário ensina-se com atitudes, gestos de respeito sem licenciosidade, estímulo e apoio que não chegue a ser assistencialista, carinho sem paternalismo, no intuito de construir inter-relações com respeito, tolerância e afeto, valores os quais devem ser perenes no ambiente escolar. Cabe, então, a cada um escolher qual caminho trilhar e qual marca deixar, não esquecendo que a falta de boas relações interpessoais na escola não corrobora no desenvolvimento da pessoa que se deseja formar para uma sociabilidade fraterna e saudável.

As relações de interdependências entre escola, sociedade e indivíduo

A sociedade depende extremamente dessa boa relação na escola, pois temos a escola imersa na sociedade e esta refletida na escola, assim se perfaz uma constante troca de relações que refletem exatamente o que se aprende em uma e na outra (dimensão micro-macro), de forma crescente e circular gerando uma “bola da neve”. Nesse sentido, pode-se perceber quão importante é o papel da boa relação professor-aluno para o enfrentamento da violência na escola e consecutivamente na sociedade como um todo, pois isso certamente reflete-se nos comportamentos exercidos fora da instituição escolar. Diante de tal complexidade, que envolve as relações afetivas entre os atores do cotidiano escolar e, concomitantemente, essas relações na sociedade em que estão inseridos todos, questiona-se: de que maneira compreender a situação para que o caos não impere na sociedade de modo geral e qual a melhor maneira de enfrentar esse problema na escola?

A primeira parte da pergunta aponta para uma crise no processo civilizador e a associação da incivilidade pode ser identificada a partir de três fatores: o enfraquecimento do Estado (o que ao nível de Brasil já era evidente); o aumento do individualismo que marca a sociedade com uma crise que espelha o descaso pelo coletivo, uma apatia em relação à vida social, ausência de utopias, ausência de parâmetros definidos sobre o certo e o errado; e a falta de interesse do indivíduo em aderir à ordem “civilizada”. Parafrazeando Edgar Morin: quanto mais desenvolvida for a individualidade, mais se manifestam as diferenças e diversidades entre os indivíduos e uma tendência à desordem. Isto é visto rotineiramente nas escolas.

Ora, numa sociedade marcada pela desigualdade social, o sujeito não vislumbra uma mobilidade social e passa a desvalorizar o próximo sem medir as conseqüências, ou seja, torna-se violento¹ para defender o que ele deseja para si, não se preocupando em

¹ Ao agir de forma violenta, maldosa, sarcástica ele passa a ser referência, ou seja, admirado ou temido pelos membros da comunidade. Isso o faz com que ele sinta a sensação de liderança, comando ou chefia ou até mesmo de respeito que ele tenta atingir a qualquer custo.

prejudicar quem ou o que quer que seja com o objetivo de se sentir mais “o dono do pedaço” e alcançar o que parece só existir para os que têm dinheiro.

Esse é um problema *lato* e a estrutura da personalidade humana pode sofrer influências positivas tendo-se em conta que o corpo humano é fonte de “energias motivantes” podendo servir de “objeto de recompensa”, “complacência” e satisfação, o que pode ajudar a responder a segunda parte do questionamento.

Dessa forma, as relações de boa convivência humana são então, um potencializador de enfrentamento aos vários problemas em uma sociedade, inclusive, a violência na escola. Essa idéia é reforçada por Norbert Elias (1970, p.147) ao enfatizar que:

Uma série de evidências mostra que para além e acima de a imediata satisfação das necessidades sexuais, procuramos os outros para a realização de toda uma gama de necessidades emocionais [...] Há boas razões para crermos que precisamos de estimulação emocional por parte dos outros, mesmo quando nossas valências sexuais estão nitidamente unidas numa relação duradoura. Isto se expressa melhor se imaginarmos uma pessoa que tenha muitas valências numa determinada altura. Todas elas se orientam para os outros e muitas delas já estão nitidamente relacionada com eles. Mas outras valências estarão livres e abertas, procurando pessoas com quem possam estabelecer articulações e relações. O conceito de valências emocionais abertas, orientadas para os outros, ajuda à substituição da imagem de homem como *Homo clausus*, pela imagem de “indivíduo aberto”. [...] As valências emocionais que unem as pessoas, quer diretamente por meio de relações face a face, quer indiretamente pela sua ligação a símbolos comuns, constituem um nível à parte de ligações. Fundidas com outro tipo de ligação mais impessoal, sublinham a consciência alargada do “eu e nós”, que até aqui pare ser indispensável não só na ligação das pequenas tribos, mas das grandes unidades sociais como Estados e Nações, abrangendo muitos milhões de pessoas. A afeição das pessoas por estas grandes unidades sociais é muitas vezes tão intensa como a afeição por uma pessoa amada. O indivíduo que formou esta ligação será tão profundamente afetado quanto uma unidade social, à qual está afetivamente ligado, for conquistada ou destruída, depreciada ou humilhada, como quando morre alguém amado.

A questão da importância dos afetos pode ser claramente notada nesta perspectiva ao se tentar reunir dois grandes campos de estudo: a Psicanálise e a Antropologia. Inseridas numa visão histórica e dinâmica baseada em processos evolutivos, emergidos das relações de força entre grupos heterogêneos, seriam então, o ponto de partida para uma sociedade mais afetiva. Os indivíduos são indissociavelmente a conjunção de um contexto histórico, de uma configuração interior e de um contexto social. Encontra-se então, o limite disciplinar entre a Sociologia e a Antropologia no nível filogenético da evolução enquanto a Sociologia e a Psicanálise permanecem no nível ontogenético da evolução individual. Além disso, revela a condição humana pela busca de algo que só é encontrado em outro ser humano, a compreensão e a devida atenção aos seus momentos de alegria, prazer ou desespero para que, ao compartilhar isso, possa sentir-se realmente mais “gente”.

Violência na escola e violência escolar

A importância da afeição nas relações humanas é de âmbito *lato* e multifacetado devendo ser aproveitada em toda a sua potencialidade no desenvolvimento da construção do conhecimento e das atitudes dos atores sociais participantes do contexto histórico social da humanidade. As manifestações de violências apresentadas no cotidiano escolar tornam-

se cada vez maiores e o contexto escola-comunidade deve reconhecer a necessidade de uma grande mobilização para refrear tal fenômeno. Primeiramente, é necessário garantir o conhecimento dos termos que norteiam essa temática tais como: violência escolar e violência na escola. Faz-se, então necessário saber: O que são essas violências?

Segundo Sposito (1998, p.71) apud Araújo (2002, p.21) violência escolar: “é aquela que acontece no interior da escola [...] sob forma de depredações do patrimônio, roubos, furtos, e também nas ameaças feitas aos professores [...] Possivelmente um descontentamento em relação à escola”. A violência escolar é um fenômeno que está se expandindo de forma vultosa e assustadora, mas não é característica exclusiva dos países em desenvolvimento. Não são poucos os jovens de países desenvolvidos que depredam, picam, danificam os carros de seus professores, são grosseiros e até matam nas escolas.

A Violência na Escola é aquela que também acontece no interior da escola, e é caracterizada como aquela que não diz respeito, especificamente, ao universo escolar. Citando a mesma autora: “Ela poderia acontecer em outro lugar, mas aconteceu na escola por ser o lugar onde os jovens se encontram”. Nesse caso, parece não existir uma reação contra a instituição escola. Porém, isso não diminui a reflexão sobre a crise das instituições escolares.

Os conceitos de violência não são simples e abordam aspectos de muitas práticas, hábitos e disciplinas. A violência deve ser então compreendida como aquela que atinge o sujeito no seu âmbito físico, moral e emocional. Então, a marca constitutiva da violência além da tendência à destruição do outro, é também o desrespeito e à negação do próximo. Assim, deve-se entender que a violência pode situar-se no plano físico, psicológico ou ético. Sua grande característica seria o desejo de maltratar fisicamente ou alienar alguém.

Com esse comentário, vê-se então que o ser humano nasce carregado de uma gama de complexidade que só poderá ser trabalhada no desenvolver de sua vida. Numa sociedade enfraquecida por diversos fatores se tal complexidade não se tornar conteúdo das práticas educativas, esses comportamentos podem encaminhar-se para o lado mais negativo, constituindo sujeitos propensos a demonstrar instintos considerados danosos para a sociedade.

Escola e violência

Ao se falar em violência ressalta-se que ela é um tema presente em nosso cotidiano como um dos fenômenos sociais mais inquietantes do mundo atual. Ela é um fato social intrínseco a sociedade e não ao resto anacrônico de uma ordem medieval em vias de extinção. Infelizmente, esse é um problema que aparece em todas as sociedades; faz parte, portanto, de qualquer civilização ou grupo humano: basta atentar para as questões da violência no mundo atual, tanto nas grandes cidades ou recantos mais isolados. Essa prática não é algo distante do ser humano muito pelo contrário, segundo Maffesoli (1987) apud Laterman (2000, p.30): “a violência pode até ser indesejável, mas é exatamente, por sua presença permanente e desagregadora que a sociedade se organiza e se estrutura”. Essa afirmação vem a confirmar que esse fenômeno é inerente a toda formação social sendo sua presença uma constante em várias situações vivenciadas por seres humanos fazendo parte, assim, das relações de negociações e interdependências do homem enquanto ser social.

A sociedade brasileira tem tido disseminado nos ambientes escolares as diferentes manifestações de violência em um cotidiano escolar árduo para os que a enfrentam, muitas vezes arriscando suas vidas. Os possíveis caminhos para trabalhar tal problemática na prática pedagógica têm revelado a preocupação de vários estudiosos e a necessidade de enfreá-lo, para que a educação aconteça de forma mais democrática, relevando a formação

do cidadão nos aspectos sociais, cognitivos, emocionais e afetivos. Nessa perspectiva, procura-se, também, analisá-las com o referencial de alguns pesquisadores que já detêm estudos na área.

A escola como um “microsocial” inserido num “macrossocial” enfrenta problemas decorrentes de vários fatores uma das principais vertentes que pesam para o aparecimento de atitudes violentas na escola:

1º- A presença de tráfico de drogas no bairro onde a escola está inserida, e dos traficantes geralmente serem alunos da escola fazendo dela ponto de comércio de drogas. A interferência desses grupos na escola é extremamente forte a tal ponto deles ditarem várias normas de funcionamento para as mesmas, principalmente no que diz respeito aos horários que regulam a entrada e saída dos alunos das escolas.

2º- Além dos traficantes, propriamente ditos, existem também as “galeras” (grupos organizados que possuem leis, linguagens e códigos éticos específicos, podem ser temidos ou adorados pelos que são amigos ou inimigos). As “galeras” ditam modas e são muitas às vezes em que usam a instituição escolar como locus de resolução de problemas com grupos rivais. Assim muitos são os problemas que têm início fora do ambiente escolar, mas o seu desfecho ocorre dentro da escola. Isso caracteriza a violência na escola.

3º- A depredação dos bens materiais que servem à comunidade escolar. Atos de vandalismo, como a quebra de instalações e louças sanitárias, o furto de lâmpadas, pichações, depredações dos carros dos docentes são expressões que são caracterizadas como violência escolar. Esses atos podem refletir diretamente a revolta dos alunos pela baixa qualidade de vida em termos de infra-estrutura, no que se refere à vida coletiva. O estado de abandono em que se encontram algumas escolas públicas pode, de algum modo, estar reforçando o comportamento dos alunos. Dentro dessa perspectiva, a depredação escolar, pode revelar-se como um “protesto motivado” (PERALVA, 1997). E ainda como uma forma de resistência diante das imposições formais. Para Córdia (1997) apud Vera Candau (1999, p. 20):

O meio ambiente não permite prazer estético: os espaços coletivos, além de insuficientes, são tão desagradáveis e desvalorizados que agudizam o *stress*, impossibilitando um lazer saudável. Trazem ainda uma carga simbólica que representa a desvalorização atribuída aos moradores. Como se sentirem respeitados, valorizados, importantes para a sociedade quando o lugar onde vivem é tão abandonado e feio?

4º- As agressões entre os atores envolvidos no processo educacional, sem dúvida uma das formas de violência mais preocupantes. Na visão dos alunos tais formas de violências são sempre motivadas pelo outro, quer aluno ou professor.

Nas agressões aos professores existe uma demonstração explícita de protesto contra a pessoa do “mau professor” que de acordo com Peralva (1997, p. 18) é descrito pelos alunos como: “aquele que falta, é fraco, não consegue manter a disciplina na turma, que é injusto, não tem disponibilidade ou não demonstra entusiasmo pelo que faz”. Diante de tal situação chama-se a atenção para a importância das relações interpessoais e dos comportamentos afetivos envolvendo os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A dinâmica da violência nas Escolas Públicas Municipais

As escolas públicas são bastante evidenciadas nesse complexo problema da violência na escola, pois estereótipos preconceituosos referentes à clientela enquadram-se nos perfis traçados pela sociedade, de um ambiente desorganizado e violento, porém as escolas privadas, mesmo as ditas de “classe alta” também enfrentam suas dificuldades, no que se refere ao problema, só que são mantidos de forma camuflada para que não haja uma desvalorização das mesmas, conseqüentemente não permitem estudos relativos a essa problemática em seus ambientes elitizados.

Assim, foram selecionadas em duas zonas opostas da cidade de Teresina duas escolas públicas que apesar de vivenciarem problemas graves a respeito dessa temática vêm tentando desenvolver um trabalho justo e eficaz perante as comunidades as quais estão inseridas. A partir dessas observações vários questionamentos foram surgindo e levaram ao desenvolvimento desta de pesquisa.

A conscientização da importância da afetividade nas relações docente-discente gerou uma incógnita que começa a ser esclarecida com o período de coleta de dados. As escolas selecionadas da Rede Municipal de Ensino e já há algum tempo enfrentam problemas semelhantes aos citados, anteriormente, neste texto. Proceder-se-á agora a apresentação de cada uma delas com alguns dos respectivos problemas já constatados.

Na zona sul de Teresina funcionam 33 Escolas Públicas Municipais. Dentre elas a Escola Municipal X, que fica situada no bairro Santo Antonio, Rua C, número 3930. A escola tem como gestores uma diretora eleita pela comunidade escolar, a diretora-adjunta que foi nomeada após a desistência da adjunta eleita, uma secretária e um pedagogo contratado e uma pedagoga efetiva. A escola X é classificada como C² no “ranking” da Secretaria Municipal de Educação, isso significa que nela se apresenta uma série de problemas que vão desde a distorção idade-série, altos índice de evasão escolar a altos índices de reprovação de alunos e média abaixo de 6,0 nas avaliações de rede³. Além disso, a comunidade onde está inserida a escola é bastante carente sendo inclusive beneficiada com o programa Bolsa Escola Teresina que garante uma ajuda de 100,00 reais mensalmente às famílias que mantêm seus filhos matriculados nessa escola. O programa Bolsa Escola Teresina existe desde 1997, contemplava 1.000 famílias que viviam em áreas de risco e a sua estimativa até 2000 era de atingir 4.000 famílias, oferecendo a esses cursos de profissionalização (corte e costura, corte de cabelos e artesanatos) para os adultos garantindo-lhes, assim, oportunidades de geração de renda. Durante quatro anos ofereceria uma bolsa salário às famílias residentes em área de risco, com renda *per capita* de até 50,00 reais e que tivessem filhos de 07 até 14 anos matriculados em escolas públicas municipais. Atualmente só duas escolas recebem a Bolsa Escola Teresina dentre elas a escola X. Em 2004 houve uma diminuição enorme da quantidade de famílias inseridas no

² A classificação tem uma variação de A até E. Para cada letra existe um abono que funciona com incentivo para a produção do corpo docente nos referidos itens do texto. O que incentiva aos gestores removerem alunos de turno por conta da idade, e buscarem constantemente evitar a evasão escolar transformando-as em transferências. Tendo em vista que a diferença de valores de uma letra (classe) para outra é bastante significativo.

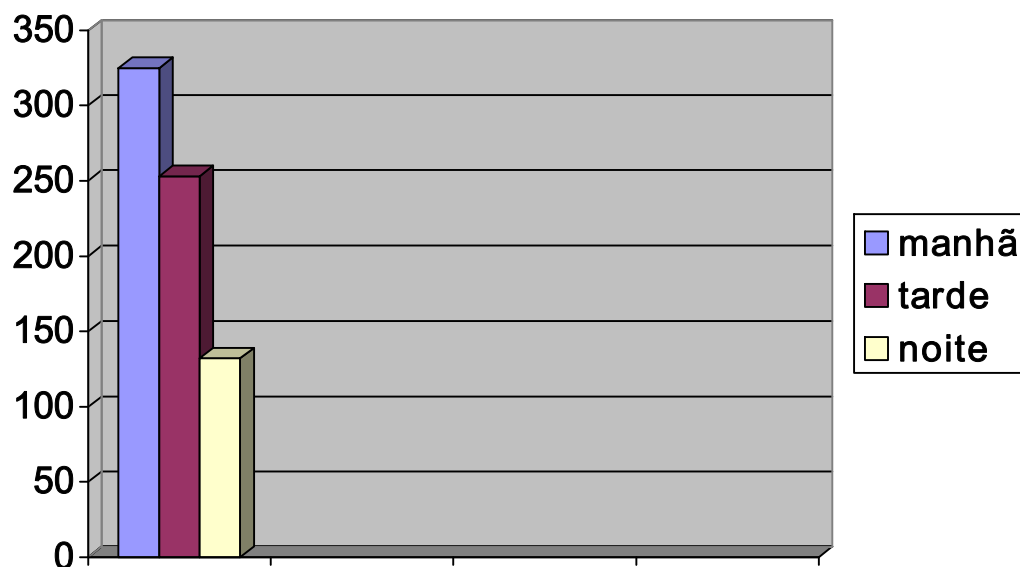
³ Prova anual realizada pela SEMEC com os alunos de 5ª e 8ª séries. Objetiva avaliar o desempenho dos alunos em relação aos conteúdos constantes do currículo da Secretaria. Ignora a realidade na qual vive a comunidade, já que a prova aplicada em todas as escolas (zona rural e urbana) consta de um modelo único.

programa apenas 380 estão cadastradas. Um dos objetivos da Bolsa Escola Teresina é que os jovens não acompanhem seus familiares ao aterro sanitário para catar lixo. Esse é outro fator que pesa sobre a escola X, a proximidade com o aterro sanitário de Teresina (lixão), pois, apesar da ajuda financeira, muitas vezes os jovens faltam às aulas para catar lixo.

No início desse ano, a escola foi vítima de um assalto arquitetado por um aluno e culminou com o assassinato do vigia de serviço na noite do crime.

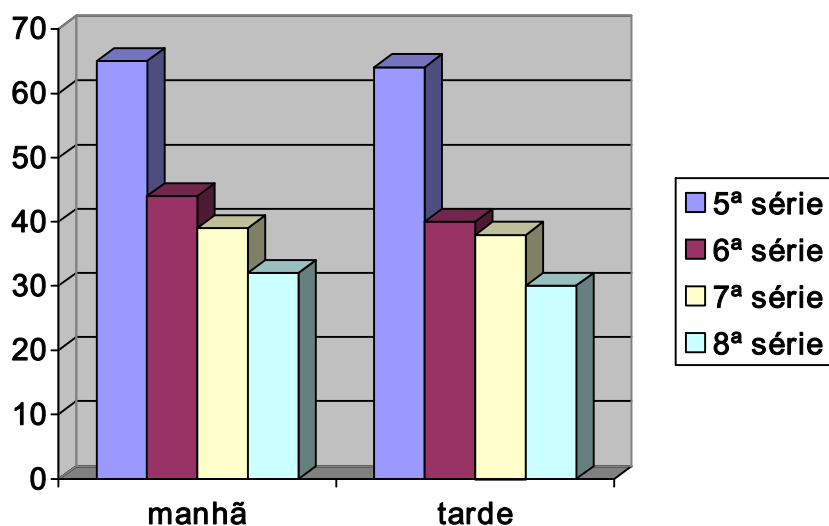
Os sujeitos⁴ da escola X

A referida escola funciona de 1^a a 8^a séries, nos três turnos e possui a seguinte distribuição de alunos por turno. Perfazendo assim, um total de 710 alunos freqüentando a escola:



Com total geral de 325 alunos nos turnos manhã e tarde, concentram-se as maiores quantidades de alunos distribuídos de 5^a à 8^a séries:

⁴ Dados cedidos pela escola X.



A escola possui em seu quadro de docentes de ensino fundamental de 5ª à 8ª séries desde professores efetivos até professores bolsistas na seguinte quantidade e graduação:



O total de 29 professores ativos na escola.

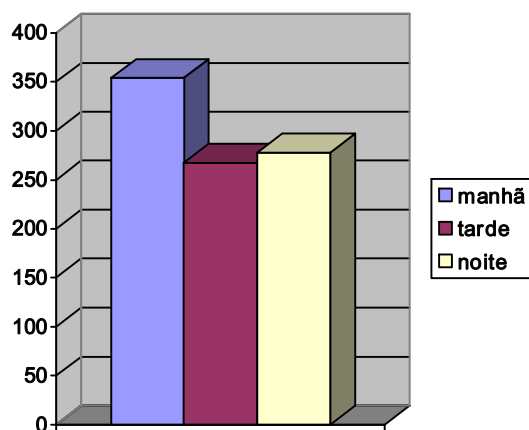
A escola Y e os sujeitos⁵ da pesquisa

Na zona Leste de Teresina funcionam 22 escolas Públicas Municipais. A Escola Municipal Y fica situada no bairro Satélite, Rua Mercúrio, 4166. A referida escola elegeu

⁵ Dados cedidos pela escola Y.

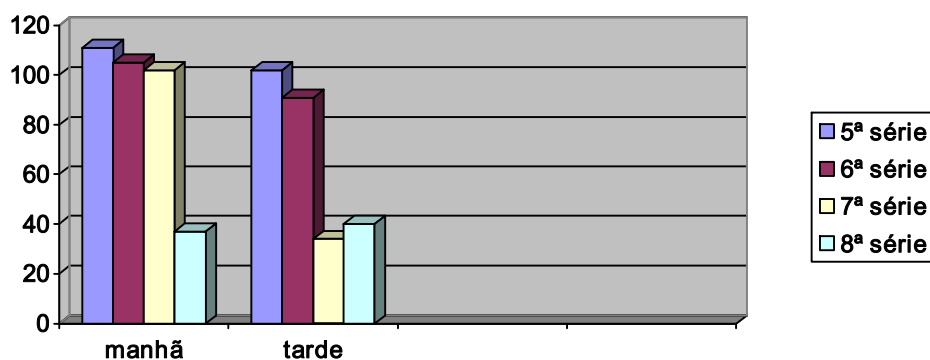
por processo democrático um diretor e a diretora-adjunta. Possui duas pedagogas que trabalham em conjunto nos turnos manhã e tarde. A escola também é classificada como de classe C, por apresentar problemas semelhantes aos da escola X. A comunidade do bairro Satélite também é extremamente carente, porém não recebe o incentivo da bolsa Escola Teresina, somente a bolsa Escola Federal cujo valor é de 15,00 reais. Já aconteceu um assassinato dentro do seu espaço, o alto índice de violência nos arredores da escola, tráfico de drogas, brigas de gangues e elevados índices de gravidez nas jovens alunas fazem da referida escola um ambiente apropriado para a pesquisa. No contato inicial com essa escola percebeu-se a adoção de estratégias para diminuir os furtos, pois todos os compartimentos administrativos da escola possuem grades de ferro (janelas e portas), e as salas de aula possuem grades nas janelas. Uma outra estratégia adotada pela escola é a presença de um policial militar nos turnos tarde e noite, pois recentemente alguns alunos foram surpreendidos usando drogas dentro da escola e constantemente, nos horários de recreio vários jovens da comunidade tentavam adentrar a mesma ou no mínimo conversar com os alunos que estavam dentro da escola com o objetivo de passar cigarros ou receber algum dinheiro. A referida escola funciona nos três turnos.

Distribuição de alunos por turnos:



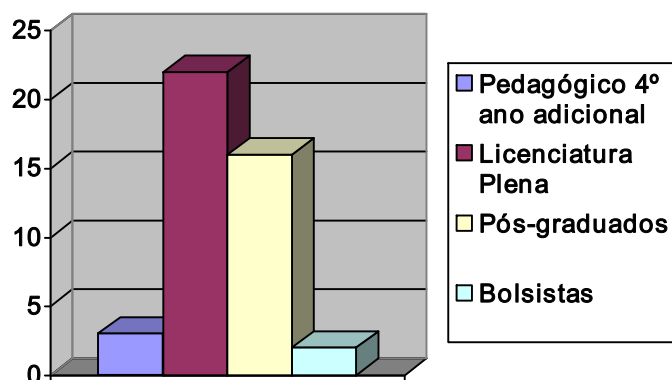
O total geral de alunos é de 899.

A distribuição de alunos por séries e por turma:



O total de alunos nos turnos manhã e tarde é de 622.

O corpo docente professores efetivos e bolsistas:



O total é de 43 professores trabalhando na escola.

Considerações pré-liminares

As duas Escolas apresentam algumas características semelhantes no que diz respeito à estrutura organizacional, porém a questão de os professores bolsistas totalizarem quase 50% na escola X pode afetar as relações entre docentes e discentes. Isso se reflete também nas relações entre os próprios professores que muitas vezes não reconhecem os colegas que passam pouco tempo na escola. Ao somar tudo isso se constata um choque nas relações afetivas estabelecidas no ambiente escolar.

A escola Y possui professores que já convivem com a comunidade há algum tempo e também se percebe que os professores possuem um conhecimento sobre as famílias dos alunos e alguns dos problemas vividos por eles, contudo a presença de um policial no espaço escolar parece ter forte influência no comportamento dos alunos fora de sala de aula.

Outro elemento representativo é que ambas, as escolas, não possuem pedagogo no turno da noite.

Esses podem ser alguns dos fatores que influenciam o trabalho nas duas escolas, as vivências e as relações estabelecidas entre os sujeitos dessa pesquisa de maneira bem incisiva.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO< Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO, 2003.
- ALMEIDA, Ana Maria Silva. **A emoção na sala de aula**. Campina, São Paulo: Papyrus, 1999.
- ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola – suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto pinheiro. Lisboa: Edições 70,1997.
- BARQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BLOOM, Benjamin S. **Taxionomia de Objetivos Educacionais – Compêndio Segundo: Domínio Afetivo**. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Globo, 1976.
- CANDAU, Vera. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Ed. 70, 1999.
- _____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: 19. ed. Paz e Terra, 1996.
- GLESSER, Lori A. **Pesquisa Educacional: Importância, Modelos Validade, Variáveis, Hipóteses, Amostragem. Instrumentos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- GROSSI, Esther Pillar. **Construtivismo Pós-Piagetiano: Um Novo Paradigma sobre aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2001.
- LUCK, Heloísa & CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento Afetivo na Escola - Promoção, Medida e Avaliação**. 2. ed. Vozes, Petrópolis, 1985.
- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas – São Paulo: EPU, 1986**.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação - Cortez**. São Paulo, 1994.

- MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microsocial ao macroplanetário. Mira-Sintra: Europa-America, s.d.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky-Aprendizado** e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
- PERALVA, A. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. In: **Contemporaneidade e Educação**. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação, ano II, n. 2, Rio de Janeiro: IEC, 1997.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: Métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência**: a emoção na educação. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação**: Construindo a Cidadania. São Paulo: FTD 1994.
- TIBA, Içami. **Disciplina** – Limite na Medida Certa – 26. ed. São Paulo: Gente, 1998.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VALLEJO, Pedro Morales. **La relación profesor-alumno en el aula**. 2. ed. PPC, Editorial y Distribuidora, SA, Madri, 1998.
- VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução de Esméria Rovai – São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.